

Começou a Era Putin

João Luís Soares

Com uma nova Duma dominada pelas forças pró-Kremlin e com uma popularidade em alta graças à guerra na Tchetchénia, Putin parece ter o caminho aberto para a Presidência da Rússia. Conseguirá ele realizar as reformas indispensáveis e sempre adiadas?

Um novo Presidente

O provável futuro Presidente da Rússia é considerado um político frio, racional e essencialmente pragmático.

A análise do presente e do previsível futuro da Federação Russa está neste momento condicionada por três factores: a segunda guerra da Tchetchénia, as eleições parlamentares para a Duma (câmara baixa), e as decisivas eleições presidenciais, previstas para Março.

Quanto ao reacender da guerra na Tchetchénia, há que salientar algumas diferenças substanciais relativamente ao primeiro episódio, ocorrido há cinco anos, e que se saldou numa vergonhosa derrota militar. A anterior expedição militar russa foi mal preparada e ainda pior conduzida. Os termos brutais em que se desenrolou, além de terem causado dezenas de milhares de mortos civis e consideráveis baixas em ambos os lados, não conseguiram eliminar a resistência tchetchena, dividindo de tal maneira a opinião pública russa e a classe política que os invasores foram obrigados a uma retirada humilhante. O Kremlin acabou por assinar com a república tchetchena (tacitamente reconhecida) um tratado de paz que, no entanto, continuou a deixar em suspenso o estatuto definitivo da Tchetchénia.

Em Outubro de 1999, na sequência de atentados terroristas praticados em Moscovo, e com o pretexto de combater facções da resistência islâmica no vizinho Paquistão, as tropas russas voltaram a invadir a Tchetchénia. Só que, desta vez, com meios militares muito mais poderosos e com o Governo russo apoiado por uma esmagadora maioria da opinião pública, convencida da responsabilidade dos nacionalistas tchetchenos nos atentados terroristas. O primeiro-ministro Vladimir Putin, o quinto chefe do Governo nomeado por Boris Ieltsin em pouco mais de um ano, adquiriu, de imediato, uma enorme popularidade como dirigente emblemático desta segunda guerra. No entanto, e apesar dos anúncios de que esta seria uma "guerra relâmpago", os últimos desenvolvimentos de um conflito que custa 150 milhões de dólares por mês mostram que a conquista final de Grozni não está a ser fácil. Os comandantes militares russos estão perante um dilema: resolver o conflito arrasando totalmente a capital (onde permanecem dezenas de milhares de civis, muitos dos quais de etnia russa), ou conquistar a cidade, rua a rua e casa a casa, com pesadíssimas baixas, e crescentes críticas da comunidade internacional.

Duma pró-Kremlin

De uma forma um tanto inesperada, os partidos pró-governamentais do centro e da direita conseguiram, pela primeira vez na história democrática russa, obter uma confortável maioria na Duma, alterando o tradicional domínio parlamentar do

conjunto dos partidos da oposição liderados pelos comunistas sob o comando de Guennadi Ziuganov. Este facto tem duas consequências imediatas: por um lado projecta a candidatura de Putin à Presidência, e por outro lado parece encerrar para sempre qualquer hipótese de retorno ao passado, abrindo novas perspectivas do desenvolvimento de uma economia de mercado e de reformas fiscais e sócio-económicas que permitam finalmente o arranque para uma vida melhor.

De facto, para além da conquista das liberdades individuais e da prática de uma vida mais ou menos democrática (pelo menos no plano formal), e apesar do grande poder de decisão da Presidência, o Parlamento russo nunca sancionou a aprovação de medidas reformadoras de fundo (como por exemplo a privatização da agricultura e uma reforma fiscal drástica). Permanecem, assim, como problemas muito difíceis de ultrapassar, a criminalidade, a corrupção e a organização de mafias, que no plano económico, financeiro e da informação controlam e paralisam em grande parte as tentativas de moralização e os projectos de desenvolvimento.

Ainda assim parece justo salientar que, durante toda a governação de Ieltsin, aparentemente, tão imobilista e ineficaz, foram fundadas 65 mil organizações não governamentais e 900 mil empresas privadas que empregam a maioria dos trabalhadores, a par da criação de um sistema político pluralista e de uma sociedade civil incipiente mas com um poder crescente.

O controlo das Forças Armadas pelo poder político civil é um dado inquestionável. Perante os resultados das eleições legislativas, Ieltsin, com uma saúde cada vez mais frágil, num gesto algo inesperado, demitiu-se, entregando as rédeas do poder presidencial a Putin, e anunciando a antecipação das eleições presidenciais para Março. Na sua mensagem dramática de despedida Ieltsin pediu desculpa ao povo russo por não ter conseguido transformar um passado cinzento, estagnado e totalitário num futuro brilhante, rico e civilizado. Para que isto venha a ser possível será preciso, segundo o ex-Presidente, entregar, provisoriamente, o poder, até às eleições presidenciais, a um homem forte e digno de ser Presidente - alguém com as características de Putin.

Vladimir Putin, de 47 anos, licenciou-se em 1975 em Direito na Universidade de Leninegrado e foi logo recrutado para os Serviços de Informação (KGB), trabalhando primeiro em Moscovo e, depois, durante algum tempo, com a polícia política da RDA, o que levou a que ficasse conhecido como senhor Stasi. Trabalhou no sector da espionagem económica até ser transferido para Leninegrado, onde colaborou com o presidente da Câmara desta cidade, Solchak, um dos políticos mais progressistas e carismáticos do anterior regime. Sem dar nas vistas, foi acumulando o seu poder, especializando-se no sector do investimento externo e adquirindo uma crescente reputação entre os reformadores. De regresso a Moscovo, rapidamente se tornou um dos principais assessores e conselheiro privilegiado de Ieltsin.

O provável futuro Presidente da Rússia é considerado um político frio, racional e essencialmente pragmático. A sua posição de reformista, a sua crença numa economia de mercado e a sua clara oposição ao comunismo parecem ser convicções arreigadas de uma personalidade forte mas que não valoriza, particularmente, as ideologias.

A principal ameaça à sua eventual eleição como Presidente é a forma como se vier a desenvolver o conflito na Tchetchénia. No plano interno, a luta contra a mega-corrupção e a criminalidade organizada constitui um desafio tremendo que nenhum dos seus antecessores conseguiu enfrentar com sucesso. A definição do posicionamento internacional da Rússia, sobretudo em relação aos Estados Unidos, NATO e Europa Ocidental não deverá alterar-se significativamente na era Putin.

Putin declarou, recentemente, que o povo russo tem uma visão diferente da dos países ocidentais, baseada na necessidade de um Estado forte, no qual terá de continuar a existir uma intervenção do Governo na vida social e política. Mercado livre, sim, mas reformas disciplinadas. De acordo com o programa bastante vago que apresentou até agora, é necessário "restaurar o papel de orientador do Estado não perdendo de vista tradições nacionais, como são o colectivismo, o paternalismo e o estatismo".

Como compatibilizar esta visão com a realização das profundas e indispensáveis reformas a todos os níveis? Trata-se de uma interrogação que só poderá ser respondida quando Putin vier a assumir, plenamente, o poder como Presidente eleito, como é provável que aconteça em Março.